

# **MINHA QUERIDA MAMÃE, UM ESTUDO SOBRE A CORRESPONDÊNCIA ENTRE CARLOS E JULIETA AUGUSTA DRUMMOND DE ANDRADE**

Claudia Poncioni<sup>1</sup>

Mãe não morre nunca,  
mãe ficará para sempre  
junto de seu filho  
e ele, velho embora,  
será pequenino  
feito grão de milho  
**“Para sempre” in: Lição de coisas**

## **RESUMO**

As cartas trocadas entre Carlos e Julieta Augusta Drummond de Andrade entre 1934, quando se mudou de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro e 1948, ano do falecimento de sua mãe, não são um modelo de literatura epistolar. Sua principal qualidade é a simplicidade, simplicidade dos sentimentos de um filho por uma mãe idosa e doente, do amor infinito que Drummond sentia por esta e pela outra Julieta, sua filha. Mesmo se todas as cartas são datadas, na verdade têm muito de atemporais. Pouco revelam sobre o poeta, tratam na verdade de construir uma imagem: a imagem de um chefe de família respeitável, preocupado com a educação da filha e de um funcionário público modelo. Em resumo, a imagem de homem fiel aos princípios da educação que recebera. Longe de desvendar qualquer mistério, estas cartas confirmam a complexa personalidade de Carlos Drummond de Andrade e seu apego às tradições do clan dos Drummond de Andrade.

**Palavras-chave:** Cartas. Carlos Drummond de Andrade. Julieta Augusta Drummond de Andrade.

---

<sup>1</sup> Professora da Université Sorbonne nouvelle - Paris 3. Pesquisadora do Centre de recherches du monde lusophone da mesma universidade. claudiaponcioni@gmail.com

## Minha querida Mamãe, a study of the correspondence between Carlos and Julieta Augusta Drummond de Andrade

### ABSTRACT

The letters exchanged between Carlos and Julieta Augusta Drummond de Andrade between 1934, when he moved from Belo Horizonte to Rio de Janeiro and 1948 when his mother died. There are not models of literary letters. Their principal quality is simplicity, simplicity of sentiments for a son for his elderly and ailing mother, the infinite love he felt for her and for the other Julieta, who was his daughter. Although the letters have definite dates, there are in a sense outside time. They reveal little of the respectable head of a family, building an image and an image of a head of the family, worried about the education of his daughter and of an exemplary civil servant. In fact, the image of a man faithful to the principles of the education he received. Far from showing us any secrets, these letters confirm the complex personality of Carlos Drummond de Andrade and his dedication to the traditions of the clan of the Drummonds de Andrade.

**Keywords:** Letters. Carlos Drummond de Andrade. Julieta Augusta Drummond de Andrade.

Sabemos que uma das regras do romance construído a partir de cartas é a negação da ficção romanesca. O editor, encarregado de garantir ao leitor o tom peculiar da correspondência, explica as circunstâncias em que essas cartas chegaram até ele. Encontradas num armário embutido numa parede, extraviadas num pacote postal, esquecidas na escrivaninha do gerente de um hotel, as cartas dos romances epistolares têm quase sempre origem rocambolesca.

As que aqui nos interessam não têm, contudo um caráter propriamente literário. Foram escritas por Carlos Drummond de Andrade para sua mãe Julieta Augusta entre 1934 e 1948. Mas as circunstâncias em que hoje chegam até nós não são muito diferentes daquelas descritas pelos autores de romances elaborados a partir da troca de cartas.

De fato, as cartas de Drummond enviadas do Rio de Janeiro para Belo Horizonte encontram-se atualmente em Lavras, cidade, hoje universitária, de Minas Gerais, na sede de um centro cultural, que é uma escola de línguas. Como é que de Itabira foram parar lá? Ora, por ocasião da morte de Julieta Augusta em Itabira em 1948, essas cartas ficaram na posse da família de

Flaviano, o irmão mais velho. Bem mais tarde, após a morte de Drummond em 1987, uma das filhas de Flaviano entrou em contato com editores do Rio na esperança de vendê-las.

Tempo perdido pois os direitos dessas cartas pertencem aos herdeiros de Drummond – os seus netos. Elas foram afinal vendidas por ocasião de um leilão filatélico, junto com uma coleção de envelopes selados. O comprador foi um jornalista e homem de negócios mineiro, morador de Lavras, que as ofertou à sua esposa, diretora do centro de línguas.

Essas cartas, acessíveis a qualquer público, encontram-se em pastas cobertas de poeira. Podem ser fotocopiadas, basta pedir e levá-las até a loja de reprografia mais próxima ou fotografadas. Inicialmente, havia duzentas, mas quando as consultamos em 2001, já eram apenas 185, em mau estado e com perda de folhas. Quantas serão hoje? O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa manifestou o desejo de adquiri-las para salvá-las. Infelizmente isso não foi possível.

Ler cartas que não nos foram endereçadas, traz sempre um problema de consciência. Trata-se de uma infração? Será violar a lei? O artigo nº 194 do Código Penal Brasileiro prevê penas por *Violação de correspondência ou de telecomunicações*. No caso em questão, não se trata de violação propriamente dita, somos sempre “voyeurs” quando lemos cartas escritas para outrem.

Drummond, que doou seus arquivos para a Fundação Casa de Rui Barbosa tivera, na intenção evidente de preservar sua privacidade, o máximo cuidado de não declarar, na lista desses documentos, cartas familiares ou íntimas<sup>2</sup>. As cartas que sua mãe lhe escreveu não fazem, portanto, parte do acervo que, nessa instituição, leva seu nome.

Se há autores que escrevem diários pensando na publicação póstuma, Drummond decerto não é um deles: depurou minuciosamente o seu. Tornando documento insípido, foi publicado em 1985<sup>3</sup>. Logo, parece ter sido constante no autor a intenção de preservar sua vida privada e de não fornecer elementos para uma imagem póstuma.

Aliás, imiscuir-se na vida privada de uma família pelo simples fato de

<sup>2</sup> Em novembro de 2010, o Instituto Moreira Salles anunciou que iria receber parte do acervo pessoal de Carlos Drummond de Andrade e de sua filha Maria Julieta que ainda estavam em poder da família. Desse conjunto fazem parte cópias das cartas enviadas à Julieta Augusta e à filha.

<sup>3</sup> *O Observador no escritório*. Rio de Janeiro, Record, 1985.

um de seus membros ter sido uma personalidade pública pode tanto ser falta de respeito como exercício fastidioso – o que não é absolutamente o caso. Mas, vamos ser claros : afinal, o que está buscando quem lê esse tipo de cartas ? O lado *voyeur* sempre está presente. E não haverá, além disso, o desejo da primazia da informação que permita reunir provas fidedignas sobre alguém cuja intimidade nos é querida ?

São perguntas que o pesquisador bem intencionado tem de levar em conta. A leitura das cartas nos tranquilizou visto não apresentarem assuntos indecorosos ou delicados, capazes de prejudicar a imagem do autor.

Essas cartas confirmam antes de tudo o perfeito amor filial, a fidelidade a toda prova de um filho à mãe. Ajudam também a melhor compreender aspectos na aparência contraditórios da personalidade do poeta mineiro.

Nossa escolha recaiu nas cartas que podiam oferecer esses elementos de compreensão. Eliminamos, numa seleção rigorosa, todas as que tratavam de questões familiares.

Assim, vamos primeiro estudar, nas cartas de Drummond a Julieta Augusta, certos aspectos que pertencem aos tópicos clássicos da troca de correspondência. Para, em seguida, comentar elementos dessas cartas capazes de confirmarem alguns traços da personalidade do poeta. Será possível até, por assim dizer, falar de um Drummond personagem público e de outro Drummond, diferente, personagem privado ou familiar, pois sua vida pessoal foi bem diversa dos modelos tradicionais – ou talvez nem tão diversa...

### **QUERIDA MAMÃE**

Julieta Augusta casou-se, aos dezesseis anos, com o primo Carlos de Paula Andrade. Educada no Mosteiro de Macaúbas, no interior de Minas Gerais, lá adquiriu os elementos considerados indispensáveis para a formação de uma jovem « de boa família » : Língua Francesa, Geografia, Música, Costura, Bordado, Contas e Doutrina Cristã. A típica formação para tornar-se boa mãe, matriz de uma geração de « fazendeiros ».

Enviuvou em 1931 e passou os últimos anos de vida no Hospital São Lucas de Belo Horizonte, onde, graças à intervenção do político, José Maria Alkmin, ela ocupou entre 1941 e 1948 um apartamento confortável pelo

preço de um quarto. Apartamento que só deixou para ir morrer em Itabira, a cidade das calçadas feitas de ferro.

Drummond partiu para o Rio de Janeiro em 1934, onde foi assumir o cargo de chefe de gabinete de Gustavo Capanema, no Ministério da Educação e Saúde Pública, criado pela Revolução de 1930, cargo que, no esquema de divisão do poder político, cabia aos mineiros. O poeta passou o resto da vida no Rio de Janeiro, cidade que adotou.

Visitava a mãe três vezes por ano. No aniversário dela, em maio, o poeta passava o dia todo com Julieta Augusta no hospital e, segundo contam, encostava a cabeça no seu ombro ou no colo, ouvindo-a contar as velhas histórias de Itabira.

As cartas que mandou à mãe cobrem o período entre 1934, data em que partiu para a capital federal, e 1948, ano do falecimento de Julieta Augusta.

Carlos Drummond de Andrade era o caçula de uma família de nove filhos e filhas, dos quais quatro morreram ainda na infância. Seu relacionamento com a mãe sempre foi de muita delicadeza e respeito. Por isso todas as cartas que lemos trazem a marca de um grande amor filial, que ele expressava sem hesitar: *Minha mãe era um veludo, um leito adamascado em que eu me reclinava – tão doce que nem me ocupava muito o espírito*<sup>4</sup>.

### **O DIÁLOGO EPISTOLAR**

Vamos estudar num primeiro momento aspectos formais da troca de correspondência, presentes nas cartas entre Drummond e Julieta Augusta.

Uma das definições clássicas para carta é a que a considera « mensagem que enviamos a uma pessoa ausente para mostrar-lhe o que diríamos se pudéssemos falar com ela »<sup>5</sup>.

Assim, em muitas cartas Drummond expressa a oralidade da relação

<sup>4</sup> Citado por José Maria Cançado, *Os sapatos de Orfeu*, Rio de Janeiro, Record, p. 234.

<sup>5</sup> Vaumorière, 1690, citado por G. Haroche-Bouzinac, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette, p. 3.

epistolar na sua intenção de conversar com a mãe. Conversar é o verbo que volta muitas vezes no seu texto em vez do verbo escrever: *Aproveito a calma deste domingo para conversar um pouco com a Senhora, o que para mim é tão agradável no meio das canseiras da semana*<sup>6</sup>.

*Ou: Depois de alguns dias de silêncio, aqui está de novo o seu caçula, para pedir-lhe a bênção e conversar um pouco*<sup>7</sup>.

Não se confunde, porém, a natureza de uma conversa com a da troca epistolar. A singularidade da troca de cartas decorre, entre outras, do fato de a escrita consentir um recuo que permite suavizar as arestas comuns nas relações, às vezes difíceis, entre mãe e filhos. Drummond mantém, graças à distância, uma relação privilegiada com Julieta Augusta.

De fato, nas cartas de Drummond à mãe jamais há desentendimento e as relações entre mãe e filho estão sempre em harmonia. É certo que há uma diferença entre o homem tal como se comporta no mundo e tal como se representa nas cartas. Mas será que essa representação está próxima do homem concreto? Este que escreve à mãe manifesta uma ternura infindável mas nunca aborda seus problemas, sejam de ordem íntima, familiar ou profissional. A única exceção é um pedido de dinheiro sob forma de empréstimo, que data de seus primeiros tempos no Rio.

É a distância que provoca evidentemente a relação epistolar. Distância que é tripla. Primeiro, espacial. Sabemos que Julieta Augusta está em Belo Horizonte e o filho no Rio de Janeiro. É também temporal e, ademais, subjetiva, como é a relação afetiva entre os dois correspondentes.

### **VENCER A DISTÂNCIA**

Na relação epistolar, o que conta é o que está escrito, e o que está escrito tem por finalidade vencer a separação. Um dos meios para isso é representar-se no espaço do destinatário ou imaginar o outro no espaço de quem está escrevendo. Exercício ao qual mãe e filho se entregam sem dificuldade.

A Senhora se mostra penalizada com a nossa situação aqui no Rio, mas não há motivo para isso. Vamos todos bem, e o chamado “

<sup>6</sup> Carta datada de 31/05/1943.

<sup>7</sup> Carta datada de 24/98/1942.

acionamento " não atingiu ainda o nosso bom humor.  
... Aí também, segundo leio nos jornais, o racionamento também já começou, pela energia elétrica. Espero que isto não represente para a Senhora nenhuma restrição na sua vida habitual<sup>8</sup>.

Por outro lado, o afastamento físico pode ser vencido pela expressão da simpatia, no sentido mais literal do termo. Proximidade dos corpos e proximidade dos corações.

Espero que a Senhora já tenha recuperado um pouco as forças perdidas com o recrudescimento da colite, de que me falou em sua última carta. Acredito que os remédios lhe tenham feito algum bem, e o que lhe desejo vivamente é que as melhoras se acentuem<sup>9</sup>.

Ou :

Senti saber que o seu estado não é de todo bom, mas espero que, com o uso regular dos remédios receitados (...), a Senhora vá se sentindo gradativamente melhor<sup>10</sup>.

Ou ainda :

Em sua última carta, a Sra. me conta que a cistite havia recrudescido. Já se sente agora mais aliviada ? De coração desejo que esteja melhor<sup>11</sup>.

De fato, sofrer junto é tentar diminuir a distância física e firmar uma grande intimidade.

### **VENCER O TEMPO**

O afastamento provoca um intervalo temporal próprio da troca de missivas no qual a assiduidade é vista como prova de amor. Drummond escrevia à mãe com bastante frequência, uma ou duas vezes por mês,

---

<sup>8</sup> Carta datada de 03/8/42

<sup>9</sup> Carta datada de 27/10/1942.

<sup>10</sup> Carta datada de 04/05/1942.

<sup>11</sup> Carta datada de 24/08/1942.

dependendo dos anos,

Aqui está de novo o seu filho, pedindo e dando notícias<sup>12</sup>.

Ou ainda:

Estou preocupado com a falta de notícias. Sei que não se esqueceu do filho magrelo, mas por isso mesmo sinto mais falta de suas cartas<sup>13</sup>.

Quando essa assiduidade é rompida, vem a justificativa :

A senhora me perdoará o silêncio dos últimos dias. É o trabalho de sempre, com as suas exigências absorventes, e não o esquecimento ou o pouco-caso<sup>14</sup>.

Pode também provocar um sentimento de culpabilidade :

Estou me sentindo em grande falta com a Senhora, dado o meu longo silêncio. Entretanto, ele é devido, como de outras vezes, ao excesso de trabalho, e não significa esquecimento nem pouco caso<sup>15</sup>.

Por outro lado, a temporalidade epistolar é, por natureza, ansiosa, embora provoque uma intensidade feliz quando chega uma nova missiva :

Já estava sentindo falta de suas notícias quando chegou sua carta do dia 24. Alegrou-me saber que, nos últimos dias, a Senhora tem se sentido melhor<sup>16</sup>.

A ansiedade decorrente dessa relação provém também do fato de não existir nenhum meio de regrar suas palavras sobre as reações do destinatário nem de escolher a ocasião. Nunca se sabe qual será a receptividade do destinatário, receptividade que depende muito do momento em que a carta é lida.

---

<sup>12</sup> Carta datada de 09/05/1940.

<sup>13</sup> Carta datada de 18/02/1941.

<sup>14</sup> Carta datada de 17/06/42

<sup>15</sup> Carta datada de 12/07/1944

<sup>16</sup> Carta datada de 03/10/1939.

Tal situação ocorre, por exemplo, quando Drummond envia à mãe um cheque que lhe daria a possibilidade de passar para um quarto mais confortável na casa de saúde onde se encontrava, cheque que ela lhe devolve.

Sábado chegou sua cartinha e com ela o cheque. Fiquei muito surpreso com a remessa deste, que eu não esperava nem desejava. ... esta restituição não me magoa, mas me deixa preocupado. Procuro em vão alguma incorreção ou indelicadeza que eu tenha cometido e que a fizesse mandar-me o cheque. ... Já lhe escrevi que não desejava compensação alguma, nem agora nem depois, a não ser a sua aquiescência e a sua aprovação.... Por isto mesmo, peço-lhe humildemente licença para restituir-lhe o cheque e continuar a enviar-lhe mensalmente a insignificante quantia combinada. Não se zangue comigo, não desconfie de mim ; e mande-me uma palavra carinhosa e confortadora<sup>17</sup>.

Falar do tempo, assunto infalível, também pode servir para aproximar fisicamente:

O Rio continua muito quente, e as chuvas mal aliviam a atmosfera abafada. Mas a capacidade de adaptação ao tempo é grande, e a gente vai tocando para a frente. Quanto à Senhora, como tem sido esses dias quentes?<sup>18</sup>

Mesmo a mais de 400 km de distância, é assim possível partilhar a mesma sensação física.

### **REAFIRMAR O AMOR**

É preciso que a carta seja também a prova de uma comunidade de sentimento vivida continuamente. A repetição das mesmas expressões, das mesmas ternuras, das mesmas inquietações. Redizer, repetir incansavelmente é o modo de atribuir às palavras o poder conjuratório que vence a distância física e temporal. O momento da despedida é tanto o da ruptura como o da confirmação do afeto e do respeito.

---

<sup>17</sup> Carta datada de 12/01/1942

<sup>18</sup> Carta datada de 14/01/1941.

Assim, as cartas sempre terminam com uma formulação que não varia muito: é o pedido da benção para ele e sua filha:

Até breve Mamãe. Dolores lhe envia lembranças afetuosas e Maria Julieta, como eu, lhe pede a benção. Muitas e carinhosas saudades do filho e amigo<sup>19</sup>.

Ou :

Dolores lhe manda lembranças, eu o meu coração. Abençoe o Carlos<sup>20</sup>.

Ou ainda :

Para a Senhora, a saudade mais afetuosas do filho que, com a netinha, lhe pede a benção, e lhe transmite as lembranças de Dolores. Até breve. Carlos<sup>21</sup>

## NOTÍCIAS:

O outro aspecto essencial do tópico epistolar presente nas cartas enviadas por Drummond à mãe são as « notícias ». De fato, mandar ou pedir notícias é uma das funções primordiais da correspondência. Mas que gênero de notícias ? No caso de Drummond, são aquelas que não apresentam o mínimo risco de trazer preocupação para Julieta Augusta.

As notícias que envia costumam ser pessoais, a respeito dos parentes ou notícias gerais. No caso em questão, quase sempre referem-se ao tempo, ou seja, são não-notícias. Isto é, raramente um elemento novo vem perturbar um cotidiano que Drummond apresenta como imutável, no ensejo evidente de dar segurança.

Por aqui nenhuma novidade especial...<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Carta datada de 30/10/1939.

<sup>20</sup> Carta datada de 12/01/1942.

<sup>21</sup> Carta datada de 07/05/1940.

<sup>22</sup> Carta datada de 04/05/1942.

Por aqui as coisas são as mesmas. Felizmente estamos com saúde e sem novidades<sup>23</sup>.

Por aqui a vida não apresenta novidades. Vamos na forma habitual<sup>24</sup>.

As notícias, como dissemos, não são, no caso presente, de modo algum pessoais. As dos parentes referem-se a Maria Julieta e são sempre agradáveis.

Tivemos ontem as notas das provas parciais de Maria Julieta: média 92. É um resultado bastante animador, pois são muitas as matérias e rigoroso o julgamento<sup>25</sup>.

Ou :

Maria Julieta continua estudando com afinco, desta vez mais satisfeita do que nos anos anteriores, porque a freira da classe é mais amiga das meninas<sup>26</sup>.

Ou ainda :

Maria Julieta concluiu com felicidade as provas parciais. Ela tem sempre para a Senhora um pensamento afetuoso<sup>27</sup>.

Entre as notícias dos parentes, dos que vivem numa cidade que não é a deles, vêm também algumas referentes aos empregados. Mas nunca há uma notícia em relação a Dolores, sua mulher.

Quanto às notícias gerais, são raras e só se tornam mais frequentes a partir do momento em que o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial.

A Senhora, naturalmente, está participando da emoção de todos nós com a entrada do Brasil na guerra. Há muito que se esperava isto, e realmente era inevitável. Uma luta de proporções tão

---

<sup>23</sup> Carta datada de 05/02/1943.

<sup>24</sup> Carta datada de 12/07/1944.

<sup>25</sup> Carta datada de 30/10/1939.

<sup>26</sup> Carta datada de 04/05/1942.

<sup>27</sup> Carta datada de 11/11/1942.

gigantescas não poderia deixar de chegar até nós. O afundamento de cinco navios foi o bastante para transbordar a taça. O povo recebeu com profunda emoção esse desenlace, mas está firme e disposto aos sacrifícios que forem necessários para a vitória. Todos estão calmos e confiantes e há um sentimento geral de desconfiança contra a 5ª coluna, da qual precisamos precaver-nos. Soube que aí, como aqui, houve manifestações violentas contra os nossos inimigos. Certamente que é lamentável a desordem, mas compreendo que em momentos de exaltação e de revolta moral, o povo não possa guardar a calma dos dias comuns<sup>28</sup>.

Ou :

Há muito não temos dias claros e bonitos, que eram tão comuns no Rio. Mas o carioca não se importa com isto, e vai prosseguindo na sua vida. Mesmo a guerra não deu fisionomia triste à cidade, que trabalha e se agita<sup>29</sup>.

### ***FALTA DE NOTÍCIAS, BOA NOTÍCIA É...***

Como se constatou, a correspondência entre Drummond e sua mãe se insere com facilidade no quadro clássico da troca epistolar. Trata-se de uma escrita estritamente privada, mas nem por isso íntima. Não oferece elementos para reconstituir passagens desconhecidas da vida de Drummond.

É, ao contrário, o reflexo de uma imagem. Essa troca de cartas constitui o terreno de uma construção, a construção da representação idealizada de si que ele oferece à mãe. Não é o eu social que está representado. Trata-se de um eu filial cuja intenção primeira é refletir todos os anseios que ele crê – ou sabe – serem os de Julieta Augusta.

Não é, pois, um Drummond desconhecido ou pouco conhecido que se descobre nessa leitura. É um Drummond idealizado, homogêneo, mais constante e mais confiável que seu eu social dividido, como se sabe, entre tradição e ruptura.

Tal imagem é construída a partir dos princípios que Drummond afirma, na época, querer combater mas aos quais permanece profundamente ligado. As cartas enviadas à mãe constituem o preito de seu apego aos valores da tradicional família mineira.

<sup>28</sup> Carta datada de 24/08/1942.

<sup>29</sup> Carta datada de 27/10/1942.

### UMA IDENTIDADE QUE APRISIONA

Aquele que se pretendia « feito de ferro » como as calçadas de Itabira<sup>30</sup>, sua cidade natal, foi um homem paradoxal sob vários aspectos. Estranho desde a infância a seu meio de origem, ele percebeu, quando jovem, que, para existir como indivíduo, precisava afastar-se desse meio, tal como afirma em alguns de seus poemas.

Como um presente  
[...]  
É talvez um erro amarmos assim nossos parentes.  
A identidade do sangue age como cadeia,  
fora melhor rompê-la. Procurar meus parentes na Ásia,  
onde o pão seja outro e não haja bens de família a preservar<sup>31</sup>.

Para ter existência própria, Drummond percebeu que devia cortar os laços com a família, recusar o destino já traçado que lhe reservavam. Apegado às origens mas obrigado a deixá-las para existir, ficou dividido, e essa tensão perpassa toda a sua obra.

Por isso desejava, quando jovem e ainda no início da idade adulta, esquecer o passado, cantar o presente e construir o futuro, embora se sentisse no fundo irremediavelmente impregnado dos valores da infância.

Também os valores familiares, da sociedade rural brasileira e dos laços mineiros, sempre estiveram presentes em sua vida e obra, como reminiscências de uma infância jamais inteiramente superada.

Em todas as fases de sua obra poética, inúmeros são os poemas em que esse apego transparece. Nos livros que ele designou como de sua « fase social », que buscava ser um passo para uma poesia social, engajada e de esquerda, figuram poemas como « Idade Madura », em *Sentimento do Mundo*, ou « Resíduo », em *A Rosa do Povo*, nos quais o vínculo com as origens está muito presente.

Drummond começa então, de modo voluntário e consciente, o caminho de volta aos valores fundadores que era preciso « esquecer para lembrar », mas que ele não havia de fato jamais esquecido nem rejeitado.

<sup>30</sup> « Confidência do Itabirano », *Sentimento do Mundo*, in. *Reunião*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1987, p.65.

<sup>31</sup> « Como um presente », *A Rosa do Povo*, *ibid.* p. 184.

## A IMAGEM DE UM FILHO QUE NÃO É PRÓDIGO

Em toda correspondência, o emissor dispõe de certa autonomia. Ele constrói, às vezes involuntariamente, uma imagem que nem sempre é o reflexo sincero de sua alma.

No caso presente, Drummond parece esforçar-se para construir a imagem de um filho que nunca sofreu mudanças. A vida na capital, o convívio com intelectuais, a proximidade com comunistas, nada disso transparece nas cartas que escreveu para a mãe.

Bem ao contrário, faz todo o possível para sublinhar sua ligação com os valores tradicionais e estabelecidos.

Aliás, enquanto ocupou o cargo no Ministério da Educação Nacional, as cartas eram escritas em papel timbrado do Ministério. Seria a maneira de tranquilizar a mãe, de lhe dar motivo para se orgulhar da carreira do filho?

Ao deixar essa função em 1944 para poder opor-se abertamente a Vargas, o poeta não deixa de mostrar sua proximidade com o poder nem sua estima pelo ditador.

A morte do filho do presidente causou-me grande pesar. Todo o povo sentiu e acompanhou o presidente no seu luto. As circunstâncias da doença – tão rápida e violenta – impressionaram especialmente<sup>32</sup>.

Ou :

Tivemos um instante de grande preocupação com o desastre sofrido pelo Presidente, mas logo depois, felizmente, verificamos que o estado dele era bom<sup>33</sup>.

Ou ainda :

A morte do cardeal<sup>34</sup> trouxe-nos a todos um grande pesar. Era muito estimado e modesto. [...]

<sup>32</sup> Carta datada de 05/02/1943.

<sup>33</sup> Carta datada de 27/10/1942, acidente ocorrido na estrada Rio-Petrópolis que obrigou Vargas a ficar acamado durante 5 meses.

<sup>34</sup> Cardeal Sebastião Leme (Pinhal, SP, 1882-Rio de Janeiro, 1942) Archevêque de Rio de Janeiro et Cardinal du Brésil, il a joué un rôle important dans le soutien de l'Église à la révolution de 1930. Carta datada de 04/05/1942.

Ele também lhe fala do lançamento dos seus livros de poemas mas sempre num tom muito modesto.

O seu filho mais moço, na luta de sempre, também trabalhando com gosto. Sabe que está com um livro para publicar ? Pois é. Por enquanto os originais estão na tipografia, mas dentro de uns dois meses a Senhora receberá mais essa produção mofina do caçula<sup>35</sup>.

Por outro lado, o conteúdo de certas cartas, nas quais menciona a filha Maria Julieta, leva a crer que as exigências de Drummond quanto à educação da menina são decorrência da preocupação de mostrar à mãe que, apesar da distância física, sua neta que também se chama Julieta é educada *comme il faut* e não corre o risco de se afastar do reto caminho.

Maria Julieta saiu-se bem nas provas parciais e, sempre que pode, vai à sua festinha dançante, em companhia de Dolores, que é agora obrigada a fazer-lhe companhia...<sup>36</sup>

Ou ainda :

O carnaval se aproxima, porém nós não tomaremos parte nele. Procuramos obter um retiro espiritual para Maria Julieta, mas os colégios não marcam retiro para essa época, por falta de pessoas que queiram tomar parte...<sup>37</sup>

Este último trecho surpreende quando se sabe que Drummond afirmou várias vezes ser agnóstico :

Sou rigorosamente agnóstico. Uma pessoa que não pode afirmar a inexistência de Deus, da mesma maneira que não pode afirmar a existência. Não tenho, na minha capacidade intelectual, condições para afirmar que Deus existe. E, a não ser os teólogos, duvido que alguém mais tenha capacidade para isso. Mas eu passo muito bem sem Deus. Não me dá remorso, e foi uma conquista da minha vida, à qual agradeço em parte aos meus queridos jesuítas<sup>38</sup>[...]

<sup>35</sup> Carta datada de 10/04/1940. Trata-se do livro *Sentimento do Mundo* lançado no mesmo ano.

<sup>36</sup> Carta datada de 12/07/1944.

<sup>37</sup> Carta datada de 18/02/1941.

<sup>38</sup> Carlos Drummond de Andrade. Entrevista concedida a Luiz Fernando Emediato. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 de outubro de 1986.

Aquele que mandou retirar a cruz do caixão de sua filha antes do enterro, aquele que tinha cargos de responsabilidade no Ministério da Educação, e que a havia matriculado desde sua chegada ao Rio de Janeiro no colégio mais refinado da elite carioca. De fato, pelo Colégio Sion, no tradicional bairro do Cosme Velho, passaram todas as jovens da alta sociedade carioca dos anos 1930 e 1940.

Maria Julieta também fazia parte das “bandeirantes”, jovens escoteiras católicas das melhores famílias do Rio.

Maria Julieta está muito animada com o Congresso Eucarístico, devendo partir com as bandeirantes para São Paulo na 4.a feira da outra semana<sup>39</sup>.

A neta, que traz o nome da avó, deve ser a sua natural continuação:

Um abraço muito grande, Mamãe, na esperança de um outro, em carne e osso, bem breve, e as lembranças de Dolores e Julietinha, com o pedido de sua benção amiga e generosa<sup>40</sup>.

O uso do diminutivo, decerto afetuoso, acentua a perenidade da linhagem das Julietas.

Entretanto, essa mãe conservadora que ele busca poupar de todos os modos é, antes de tudo, uma mãe que ama. Tal qualidade a torna capaz de entender a escolha do filho quando ele resolve deixar seu cargo no Ministério da Educação para se opor ao velho ditador.

A prova está na carta que Drummond lhe escreve e, dessa feita, em papel comum :

Estou recebendo agora o telegrama da Sra. e de José. Ele me causou uma grata e funda emoção. Vejo que não me faltou o apoio dos entes mais caros ( aqui em casa sucedeu o mesmo) e isto me dá um grande estímulo<sup>41</sup>.

<sup>39</sup> Carta datada de 24/08/1942.

<sup>40</sup> Carta datada de 04/01/1944.

<sup>41</sup> Carta datada de 07/03/1945.

### **CONCLUSÃO :**

A correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade se insere, como vimos, na tradição da troca epistolar, e mais ainda na tradição das trocas epistolares marcadas pelo amor materno e filial.

Não são as cartas de Madame de Sévigné para Madame de Grignan, bem ao contrário... Não serão objeto de publicação que se tornará modelo de literatura epistolar.

Sua principal qualidade está justamente na simplicidade, a simplicidade dos sentimentos de um filho em relação à mãe idosa e doente, mas que ocupou, com a outra Julieta, o primeiro lugar no mundo afetivo do poeta.

Sua relação por correspondência, que durou 14 anos, não ajuda a conhecer o mínimo « percurso », a mínima evolução do poeta. Embora em todas figure uma data, elas são atemporais. Buscam sobretudo preservar uma imagem idealizada do autor, a imagem do chefe de família responsável, que vive burguesamente e preocupado com os bons costumes. Do homem sempre fiel aos princípios que recebeu da mãe.

A leitura dessas missivas não ajuda a desvendar o mistério da personalidade de Drummond, apenas o confirma. O autor do “Poema de sete faces” tinha no mínimo duas. Em casa, era uma pessoa; quando passava a soleira da porta, era outra.

Artigo recebido em: 02/05/2011  
Aceito para publicação: 02/10/2011